

Eleições 94

ENTREVISTA/Roseana e José Sarney

Uma mulher domina o Maranhão

MARIA LIMA
Enviada especial

SÃO LUÍS — Pelo seu estilo de fazer política, os inimigos dizem que ela tem o perfil de um “coronel de saias”, que almoça com a esquerda e janta com a direita. O pai, o ex-presidente e senador José Sarney (PMDB-AP), assumindo o papel de coruja, apresenta Roseana Sarney como sua sucessora e como a nova liderança da política do Maranhão. Com longa cabeleira negra e olhos cor de mel, a

virtual governadora do Maranhão — será a primeira mulher a governar um estado no Brasil, título que pode dividir com Ângela Amin (PPR), líder das pesquisas ao Governo de Santa Catarina — diz que entrou na disputa para modernizar a política no Maranhão, apesar de ser contrária ao fim da política assistencialista. E revelou ter cacife suficiente para ocupar o lugar do irmão José Sarney Filho como herdeira política do senador Sarney no estado.

— Eu tive a minha vez e não emplaquei. Minha queridinha irmã teve sua chance e mostrou ser muito competente — diz Zequinha, sem maiores ressentimentos.

Mais magra e muito abatida depois de viajar por quase todos os 136 municípios maranhenses, Roseana diz estar confiante na vitória no primeiro turno e que, apesar da dureza da campanha, não achou nada difícil:

— Quando a gente está ganhando, tudo é bom!

— Ela faz a política do antigo coronel. Faz a política do assistencialismo e do voto de cabresto — acusa Eptácio Cafeteira (PPR), seu principal adversário ao Governo. Segundo a pesquisa do Ibope divulgada ontem, Roseana tem 51% dos votos válidos, contra 34% de Cafeteira.

O GLOBO — Como herdeira política da família Sarney, que traços você conservou do seu pai, no jeito de fazer política?

ROSEANA SARNEY — Eu tenho paciência para ouvir, como ele. Mas tenho o pavio um pouquinho mais curto. Sou mais pragmática.

JOSÉ SARNEY — Eu só lhe dei a vida. Foi ela quem fez e ganhou a eleição. Teve um desempenho extraordinário. Ela renovou o jeito de fazer política. Modernizou e saiu das velhas brigas, tirou o estado do dilema “Sarney ou contra Sarney”. Eu, como pai, acompanhei e admirei.

O GLOBO — Dona Marly participou ativamente da campanha. Quer dizer que as mulheres tomaram o poder na família?

SARNEY — A Marly não se mete em política! No início, eu achei que a maior vocação, quem tinha a veia política era o Zequinha. Mas a Roseana nos surpreendeu. Foi uma agradável surpresa. Aqui no Maranhão nós temos uma pontinha de machismo e ela conseguiu vencer a resistência inicial à sua candidatura. Também tivemos experiências muito ruins com as mulheres que ocuparam cargos públicos no estado: a Gardênia (Gardênia Gonçalves, ex-prefeita de São Luís) e a Conceição (Conceição Andrade é a atual prefeita de São Luís, pelo PSB).



Arquivo

“Eu só lhe dei a vida. Foi ela quem fez e ganhou a eleição.”

José Sarney

O GLOBO — Qual vai ser a marca do Governo Roseana Sarney?

ROSEANA — O Maranhão era o estado mais pobre do Nordeste. Hoje é o estado que mais cresceu na região, graças à razoável infra-estrutura. A partir dessa infra-estrutura vamos industrializar o Maranhão e restaurar sua vocação para o comércio internacional, com a criação do pólo de minerometalurgia e o estímulo às Zonas de Processamento

de Exportação (ZPEs). Temos a perspectiva real de tocar o Maranhão para frente, saindo da politicagem.

O GLOBO — Qual é o perfil político da eventual futura governadora?

SARNEY — Ela é uma mulher dinâmica, preparada, determinada, corajosa, tem um enorme carisma e muito espírito público. É uma batalhadora, uma guerreira.



Arquivo

“Eu tenho paciência para ouvir, como ele. Mas tenho o pavio mais curto.”

Roseana Sarney

O GLOBO — O senhor forjou esse perfil?

SARNEY — O que fiz foi prepará-la para a vida. Ela acabou entrando na rigidez com que tratava a menina.

ROSEANA — Ele me deu todas as condições, como assessora pude acompanhar de perto a complexa administração desse país.

O GLOBO — O senhor foi um pai muito rigoroso?

ROSEANA — Não!
SARNEY — Sempre fui!

O GLOBO — A campanha teve um clima pesado de muitas denúncias, dos dois lados...

ROSEANA — Me atacaram muito. Ofenderam minha honra e minha moral. Eu não entrei na briga. Ele brigou sozinho. Não pronunciei o nome de Cafeteira uma só vez durante a campanha. Fiz uma campanha de alto nível.

Cafeteira, adversário e inimigo mortal

SÃO LUÍS — Paralelamente à campanha de Roseana Sarney (PFL), os maranhenses decidirão uma guerra surda entre dois líderes políticos que já foram aliados e hoje se odeiam de morte: os senadores José Sarney (PMDB-AP) e Eptácio Cafeteira (PPR-MA). Numa só entrevista, Cafeteira diz que já se sente como governador do Maranhão, pois acredita que a candidatura da adversária ainda será impugnada pela Justiça Eleitoral, em razão de denúncias de uso indevido da gráfica do Senado. Logo depois, afirma que, se não for eleito, terá mais quatro anos para perturbar a vida de Sarney no Senado.

— O Cafeteira não tem qualidades para ser meu adversário. Me diminui dizer que ele é meu adversário. Ele é um paraibano que eu trouxe para o Maranhão como caixa do Banco do Brasil. Eu sou um benemérito do meu estado. Hoje, aqui, estou acima do bem e do mal — dispara José Sarney.

— Ele tem complexo de Nabucodonosor... Meu medo é que qualquer dia acabe comendo capim! É um amoral, um farsante, uma alma penada que está aqui como assombração para todo mundo. Mas a mim não mete medo! — devolve Cafeteira, que promete lutar por uma lei que mande para a cadeia os responsáveis por institutos de pesquisa que divulgarem consultas com margem de erro superior a 5%.